

## Mário Quintana

Mário de Miranda Quintana (Alegrete, 30 de julho de 1906 — Porto Alegre, 5 de maio de 1994) foi um poeta, tradutor e jornalista brasileiro.

Mário Quintana fez as primeiras letras em sua cidade natal, e em 1919 mudando-se para Porto Alegre onde estudou no Colégio Militar, publicando ali suas primeiras produções literárias. Trabalhou para a Editora Globo e depois na farmácia paterna. Considerado o "poeta das coisas simples", com um estilo marcado pela ironia, pela profundidade e pela perfeição técnica, ele trabalhou como jornalista quase toda a sua vida. Traduziu mais de cento e trinta obras da literatura universal, entre elas *Em Busca do Tempo Perdido* de Marcel Proust, *Mrs Dalloway* de Virginia Woolf, e *Palavras e Sangue*, de Giovanni Papini.

Em 1953, Quintana trabalhou no jornal *Correio do Povo*, como colunista da página de cultura, que saía aos sábados, e em 1977 saiu do jornal. Em 1940, ele lançou o seu primeiro livro de várias poesias, *A Rua dos Cataventos*, iniciando a sua carreira de poeta, escritor e autor infantil. Em 1966, foi publicada a sua *Antologia Poética*, com sessenta poemas, organizada por Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, e lançada para comemorar seus sessenta anos de idade, sendo por esta razão o poeta saudado na Academia Brasileira de Letras por Augusto Meyer e Manuel Bandeira, que recita o poema *Quintanares*, de sua autoria, em homenagem ao colega gaúcho. No mesmo ano ganhou o Prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira de Escritores de melhor livro do ano. Em 1976, ao completar 70 anos, recebeu a medalha *Negrinho do Pastoreio* do governo do estado do Rio Grande do Sul. Em 1980 recebeu o prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto da obra.

Obras principais: *Rua dos cataventos* (1940); *Sapato florido* (1948); *Espelho mágico* (1951); *O aprendiz de feiticeiro* (1950); *Do caderno H* (1973); *Apontamentos de história sobrenatural* (1976); *Velório sem defunto* (1990)

Características principais:

- Herança simbolista
- Temática da morte e da tristeza das coisas.
- Linguagem de absoluta simplicidade.

A melancolia dos versos está determinada por um clima de derrocada pessoal. O indivíduo percebe o fim de tudo e sente-se perdido numa realidade imprecisa, cheia de noites silenciosas e de cenas surreais, indicando a herança simbolista. A ideia da morte perpassa todo o discurso poético:

Da vez primeira em que me assassinaram Perdi um jeito de sorrir que eu tinha... Depois, de cada vez que me mataram, Foram levando qualquer coisa minha...

Os poemas em prosa · Aparecem em *Sapato florido* e em *Do caderno H*.

- São poemas curtos em prosa. Lembram epigramas, pois são curtos e geralmente irônicos. Uma ironia estabelecida sobre o cotidiano. O poeta mergulha na vida prosaica, surpreendendo-lhe os aspectos risíveis, insólitos ou até mesmo trágicos.
- Manuel Bandeira denominou "quintanares" a esses poemas curtos.

Cartaz para uma Feira do Livro

Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não leem.

Indecência

Na verdade, a coisa mais pornográfica é a palavra 'pornografia'.